

## O SUJEITO ENTRE-LÍNGUAS: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA E ENUNCIATIVA DO IMIGRANTE AFRICANO NO BRASIL<sup>1</sup>

### THE SUBJECT BETWEEN LANGUAGES: AN ANTHROPOLOGICAL AND ENUNCIATIVE ANALYSIS OF THE AFRICAN IMMIGRANT IN BRAZIL

Isabela Barbosa do Rêgo Barros<sup>2</sup>

Monika Lira Malhoit<sup>3</sup>

Flávio Rômulo Alexandre do Rêgo Barros<sup>4</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é discutir a constituição do sujeito na linguagem alcançando a dimensão identitária e cultural do imigrante africano residente no Brasil. Este estudo analisa a linguagem do sujeito que vive o fenômeno entre-línguas, a partir da visão antropológica enunciativa, fundamentada na teoria da enunciação de Émile Benveniste (2005, 2006). Trata-se de um estudo de caso, que tem como corpus de análise os fenômenos linguísticos presentes nos enunciados de sujeitos africanos coletados no documentário ‘Reduto de imigrantes africanos, República se consolida como “Pequena África” em São Paulo’, do canal Carta Capital, disponível no site Youtube. Na imbricação língua/homem/cultura/sociedade, evidenciamos como resultados preliminares os conflitos vividos pelo imigrante para encontrar-se enquanto sujeito, efeito da linguagem em uma realidade linguística e sociocultural diferente do seu lugar de origem, mas que agora é seu lugar de vivência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Línguas. Antropologia cultural.

**ABSTRACT:** The objective of this study is to discuss linguistic constitution of the subject in both the identity and cultural dimensions of African immigrants residing in Brazil. This study analyzes the language of the subject who lives an inter-language phenomenon, using the enunciative anthropological view, based on the enunciation theory of Émile Benveniste (2005, 2006). This study is an analysis of the linguistic phenomena present in statements of African subjects collected in the documentary, “Stronghold of African immigrants, [the neighborhood of] Republic consolidates itself as ‘Little Africa’ in São Paulo” available via the YouTube channel CartaCapital. In the overlapping of language, man, culture and society, preliminary data shows conflicts experienced by immigrants finding themselves as subjects, which is an effect of language in a linguistic and sociocultural reality different from their place of origin, but which is now their place of experience.

**KEYWORDS:** Enunciation. Languages. Cultural anthropology.

## 1 Considerações iniciais

Vivemos uma conjuntura mundial de migrações provocadas por guerras, por desastres naturais e por contextos religiosos, sociais, políticos e econômicos desfavoráveis. No século XXI, o Brasil se insere no mapa-múndi das migrações em massa como nova pátria para haitianos, venezuelanos, bolivianos e africanos, sobretudo, dos países Senegal, Gana, Angola, República Democrática do Congo e Camarões, o que já faz de São Paulo uma Nova África.

---

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutora em Letras (UFPB, 2011) com período sanduíche no PPG em Letras na UFRGS, pós-doutora em Letras (UFPB, 2016). Professora e pesquisadora dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0123-7670>. E-mail: isabela.barros@unicap.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP), bolsista Capes/Prosuc; mestra em Ciências da Linguagem (UNICAP, 2018). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7417-874X>. E-mail: monikalira@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutorando em Ciências da Linguagem (UNICAP), bolsista Capes/Prosuc; mestre em Ciências da Linguagem (UNICAP, 2018). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8508-0377>. E-mail: flavio.2020800075@unicap.br

Porém, apesar de um discurso perpetuado por gerações de que o Brasil é um país amigável para o estrangeiro, há presença de conflitos étnicos, sociais e econômicos.

Ser imigrante é renunciar a uma vida anterior e estabelecer novas relações longe do sistema linguístico que lhe é habitual e no qual se fez efeito. Naturalmente, entendemos o ser imigrante como um espaço social e linguístico de renúncia e de conflito entre o que era comum e o novo lugar. O imigrante procura, com os olhos do outro, compreender o mundo e se reconhecer em uma condição que atravessa o viés social e identitário, e se depara com o terreno linguístico, posto que é na linguagem que o homem se constitui.

Benveniste (2006) no texto ‘Estrutura da língua e estrutura da sociedade’, originalmente apresentado no ano de 1968 em Milão, discute a relação entre a (língua)gem e a sociedade, defendendo que uma implica a outra, mas não se confundem, tendo em vista que nasceram da mesma necessidade: a do homem estabelecer relação com o outro.

Para o autor, língua e sociedade são realidades inconscientes e teriam dois níveis: o histórico e o fundamental<sup>5</sup>. Deter-nos-emos neste último, conforme propõe Benveniste (2006). Nele, o autor destaca pontos em comum entre língua e sociedade: i) representam o meio e a expressão natural; ii) são realidades herdadas e iii) não podem ser modificadas pela vontade dos homens.

No terreno da língua, apresentamos, neste artigo, um olhar sobre a enunciação do imigrante. Propomos uma análise antropológica e enunciativa da linguagem do imigrante africano residente no Brasil, trazendo discussões sobre a situação imigratória a partir do território linguístico, observando o poder que a língua tem: ao mesmo tempo que permite uma liberdade, também aprisiona.

## 2 Uma visão antropológica e enunciativa da linguagem

Entendemos, de acordo com Benveniste (2005), em seu texto ‘Da subjetividade na linguagem’, publicado em 1958, que única é a condição do homem na linguagem. “É *na* linguagem e *pela* linguagem que o homem se constitui enquanto sujeito; porque só a linguagem fundamentada na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.” (BENVENISTE, 2005, p. 286). A linguagem, para Benveniste, está na natureza do homem e não é possível vê-lo destituído de linguagem.

Em outro momento, no mesmo texto de 1958, o autor diz: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.” (BENVENISTE, 2005, p. 285) Em texto anterior, publicado em 1954, ‘Tendências recentes em linguística Geral’, ao discutir, a partir das considerações de Meillet, as ligações que os linguistas procuravam com outras ciências, encontramos: “O problema consistirá antes em descobrir a base comum à língua e à sociedade, os princípios que regem essas duas estruturas, definindo-se primeiro as unidades que, numa e noutra, se prestariam à comparação, ressaltando-lhes a interdependência.” (BENVENISTE, 2005, p.16).

Ao tratar das investigações de analistas sociais no texto de 1963, ‘Saussure após meio século’, Benveniste afirma que “não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como ‘língua’” (BENVENISTE, 2005, p, 47). E continua: “essas

---

5 Segundo Benveniste (2006), no nível histórico a sociedade é percebida em suas características de formação, que distingue uma sociedade da outra. É assim que podemos mencionar as sociedades indígenas, brasileira, japonesa etc. Em seu nível histórico, a língua é vista como idioma. Assim, tratamos das línguas indígenas, língua portuguesa, língua japonesa etc. No nível fundamental destaca-se a sociedade enquanto coletividade humana, base da existência dos homens. A língua em seu nível fundamental é tomada “como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação.” (BENVENISTE, 2006, p.96)

investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a *cultura*.” (BENVENISTE, 2005, p.47) No mesmo ano, no texto ‘Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística’, Benveniste argumenta: “A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.” (BENVENISTE, 2005, p.27) E questiona, no mesmo texto mais adiante, por que o indivíduo e sociedade se fundam na língua. Ao responder, Benveniste se justifica pela faculdade de simbolizar, comum ao pensamento, à linguagem e à sociedade, a qual permite a formação de conceitos distintos do objeto concreto.

Citamos aqui, apenas algumas reflexões na obra de Benveniste que trazem os temas língua e linguagem ao lado da sociedade, colocando a linguagem como lugar do homem que fala e fala para outro homem que também é social, se faz efeito na linguagem e que se enuncia ao falar.

A antropologia da enunciação definida por Flores (2019, p. 246) “é o estudo de um saber sobre o homem que advém de sua capacidade de enunciar.” A enunciação de que trata Émile Benveniste, esclarece o autor, traz um saber sobre a natureza do homem que a coloca ao lado de discussões antropológicas uma vez que permite “conhecer os efeitos da presença da *língua no homem*.” (FLORES, 2019, p.259) [grifo do autor].

No texto de 1970, ‘O aparelho formal da enunciação’, consagrado por reunir diversos temas tratados por Benveniste ao longo de décadas de estudo, o autor traz a definição clássica de enunciação: um ato individual de produzir um enunciado e que “introduz aquele que fala em sua fala.” (BENVENISTE, 2006, p.84) E finaliza o texto afirmando que “cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo.” (BENVENISTE, 2006, p.90)<sup>6</sup> A ideia de enunciação benvenistiana, parece partir da noção de homem e ir sempre ao encontro dele, uma vez que ele só se faz homem quando e porque enuncia, porque usa a língua. Ao colocar a linguagem nos termos do homem que fala uma língua, é possível perceber uma reflexão antropológica da linguagem. (FLORES, 2019)

Acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas, reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. Este poder é a língua e apenas a língua. (BENVENISTE, 2006, p.97)

É através da língua que o homem interpreta a sociedade e seus valores e que, enquanto falante, compreende e aprende os valores culturais. É assim que ele nasce, se comunica e se desenvolve no seio do meio social em que vive, partindo sempre de uma relação intersubjetiva da linguagem em contato com o “outro”.

A cultura enquanto parte da natureza constitutiva de qualquer língua, interdita e molda a estrutura e o mecanismo de enunciação através da apropriação do locutor e do modo como o interlocutor recebe sua enunciação.

Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas, forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e

---

<sup>6</sup> Ao texto original, foi acrescentada a preposição a atendendo às normas da língua portuguesa e estando de acordo com as normas da ABNT 10520, item 5.4.

também em *interdições* específicas; o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve. (BENVENISTE, 2005, p.31-32)

O outro será aquele que confere ou não, a partir das relações possíveis e das relações interditas que foram mobilizadas na língua-alvo, o lugar do sujeito. Empregar a palavra é poder de ação, de transformação, de adaptação que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, numa relação de integração, ao nosso ver, inevitável e necessária.

Ao ampliarmos essa visão para o contexto de imigração, percebemos que é também através da interlocução com o outro que o sujeito enunciativo, imigrante africano, passa a negociar o seu novo lugar de falante no mundo, em uma constante busca por uma assimilação da língua estrangeira e da cultura com a qual se depara. “A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p.82).

Diante da língua estrangeira, o imigrante passa a buscar o seu lugar de pertencimento a fim de sentir-se parte do grupo linguístico. Vive uma constante busca pelo reconhecimento do outro linguístico para que se estabeleça ou constitua-se enquanto sujeito na nova nação que habita, uma vez que, ele é “aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o *outro*” (KRISTEVA 1994, p. 100, grifo do autor), o estranho ao meio ou um intruso no ambiente.

Para Flores (2019), o falante fornece pistas de sua experiência de falante, transparecendo o efeito que a vivência na linguagem tem nele a partir do olhar sobre si e sobre o outro. E faz uma crítica: “O linguista raramente se ocupou de olhar as “pistas” que o falante dá de sua condição de falante. Essas pistas conduzem a um conhecimento sobre o homem que advém do fato de o homem falar.” (FLORES, 2019, p.261).

Fundamentada no pensamento benvenisteano sobre a intersubjetividade como um princípio semântico de enunciação, Silva (2016) traz a interssocialidade - expressa pela dupla designação social e étnica presente entre povos vizinhos, como um primeiro princípio de uma “Teoria Social de Enunciação”.

Em uma teoria da enunciação no âmbito social, pensaríamos na capacidade de um povo de produzir em sua língua dupla designação para si mesmo, a partir de sua ‘pátria’, e a partir do ‘vizinho’ ou ‘estrangeiro’. “É somente quando o homem se coloca como instância de referência e instância referida que se constitui o princípio da sociabilidade humana”. (SILVA, 2016, p.249).

Dessa forma, ao compreendermos a importância do outro para a constituição do homem enquanto sujeito, como se constitui então o sujeito entre-línguas, em contexto de imigração a partir da perspectiva benvenisteano? Ele estaria no entre-meio entre a língua original e a língua local? Afinal, qual seria, ou qual é o lugar desse sujeito?

A dupla relação entre referente e referido, enunciação e enunciado, ato de dizer e dito e, consequentemente, entre sociabilidade e fato social faz-se necessária para se estabelecer e compreender-se o princípio básico da enunciação. Ou seja, em um movimento constitutivo, a língua nasce de uma alocação, que postula locutor e alocutário. Em uma macrodimensão, o ponto de vista de análise desse fenômeno engloba a visão da sociedade que fala uma determinada língua e é constituída por práticas de valor específico que constitui sua cultura.

A cultura passa também a influenciar o processo de enunciação, estabelecendo interdições no dizer dos falantes, as quais provêm de crenças e práticas dessa sociedade. Mesmo que não interfiram de modo direto nas mudanças do sistema, o ato individual de apropriação dos falantes mobiliza os caracteres e, assim, referem a um outro que é constituído e atravessado por valores culturais, da mesma forma que sua língua. Dessa forma, para uma visão de aquisição de língua adicional ancorada em princípios enunciativos, não há como afirmar que se aprende o sistema enquanto puro mecanismo estrutural e que o agenciamento das formas se dá de maneira a obedecer, apenas, a regras sintáticas.

Nesse sentido, a partir da imbricação: homem/língua/cultura/sociedade, percebemos os conflitos que os sujeitos imigrantes enfrentam para se sentirem pertencentes a ambas as nacionalidades e a ambas as culturas: a terra natal e o novo país que habita.

Na nossa percepção, a língua resgata a terra natal, ao mesmo tempo em que o contato com a língua estrangeira, naturalmente, traz o convívio com a nova cultura, ocorrendo, assim, uma identificação pela língua. Para Eckert-Hoff (2016), a linguagem do imigrante é provocada por deslocamentos e a inevitável necessidade do sujeito reterritorializar-se em outro lugar sujeito-línguas.

De acordo com Coracini (2007, 2014) língua é cultura, logo, o encontro e o desencontro com as línguas nunca é ou passa incólume. Dessa forma, face às novas exposições da experiência estrangeira, vemos o sujeito não totalmente “livre” e controlador de seus discursos e sentidos. Ele se coloca, movendo-se com fluidez, apto a aprender a nova língua, a integrar a nova sociedade e a nova cultura. “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27).

Uma vez que a relação dos sujeitos-enunciadores com as línguas e suas incidências na subjetividade não é neutra, deixa vestígios e rastros de suas andanças. O homem, enquanto ser social, aprende a moldar-se de acordo com as suas necessidades comunicacionais e linguísticas a partir daquilo com que se identifica e deseja se aproximar, encontrando-se, assim, inserido em sua comunidade e na realidade social em que vive.

### 3 O sujeito entre-línguas

O processo da relação sujeito-línguas, conforme Eckert-Hoff (2016), deve ser pensado como investimentos do sujeito de forma consciente e inconsciente, dentro da subjetividade, e do seu aspecto identitário, ao longo de sua história de formação linguística. Assim, dentro da subjetividade que vive um ser falante (parlêtre), o enunciado da posição “migrante” revela-se com movências pelo sujeito: entre-lugares, entre-línguas, entre-culturas, entre-nações que tramam, inevitavelmente, novas malhas de subjetividade.

De acordo com Benveniste (2005), a linguagem é um lugar de marcas identitárias, e por mais que o sujeito tente aproximar-se da língua estrangeira, ele sempre trará marcas do seu país de origem, uma vez que o homem está na língua e se constitui enquanto sujeito nela. Contudo, para Robin (1999), a segunda língua, chamada “outra”, de alguma forma, também é o “lar” para o imigrante que se depara com uma nova realidade.

(...) a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se apreender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua. (REVUZ, 1997, p. 215)

No sentido cunhado por Freud (1919), esse seria, então, o lugar de “exílio” para o sujeito que vive na sociedade escolhida. Por essa visão, os traços da primeira língua “materna” não se apagam, porém os traços da língua estrangeira “outra” produzem novas marcas, que, no entanto, modificam a sua assinatura, e também o seu “Eu”.

Esclarecemos que o termo usado ‘língua materna’, não significa, no dizer de Moraes (1999), o mesmo que língua nacional ou vestígios de uma relação linguística com a mãe. Mas é o lugar de pertencimento e de inscrição do sujeito na linguagem. É sob o arcabouço da “língua materna” que as demais línguas se organizam e são aprendidas. (MORAES, 1999; BRAZÃO, 2010). No dizer de Deissler (2014, p. 39), “a língua materna é única, inesquecível, nunca

silenciada, ela transparece na superfície da fala, mesmo quando uma língua estrangeira é falada”.

Para Eckert-Hoff (2016), a linguagem do imigrante é provocada por deslocamentos e a inevitável necessidade do sujeito se reterritorializar em outro lugar sujeito-línguas. “Cada língua, com sua especificidade e como uma função, irá atravessando o campo dessa subjetividade (...) e travando laços com a matéria das outra(s) língua(s) e com a das outras formas de linguagem que habitam esse campo.” (CELADA, 2013, p.54).

Quando buscamos nos instaurar em uma nova língua, intrinsecamente a coletividade que constitui a sociedade de falantes dessa língua se posiciona como o nosso interlocutor e nos convoca a interpretá-la; e essa alteridade, sendo constitutiva, passa a ser decisiva no processo de aquisição da nova língua. “A sociedade, dada com a linguagem, é ao mesmo tempo a condição dessa linguagem. A comunicação se realiza sempre em uma língua, de acordo com uma estrutura linguística específica e singular, e está inseparável de uma sociedade que é definida e particular” (DESSONS, 2006, p.50). A própria natureza da língua está ligada com uma condição social específica do homem, em que o advir do indivíduo se dá juntamente com o advir da coletividade.

Face às novas exposições da experiência estrangeira, vemos, então, o sujeito não totalmente “livre” e controlador de seus discursos e sentidos. Ele se coloca, modificado ou movendo-se com fluidez, apto a aprender a nova língua, a integrar a nova sociedade e a nova cultura. “Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27).

Nesse aspecto, o sentimento de “casa” para o sujeito imigrante vai atravessar, constantemente, um lugar de entre-meio, e de incompletude, uma vez que ora ele sente-se envolvido com a língua e a cultura estrangeira, ora ele sente-se saudoso da sua língua e cultura de origem. Ambas, as línguas e as culturas se alteram na memória e no enunciado do sujeito imigrante. Para Coracini (2007, 2014) língua é cultura, logo, o encontro e o desencontro com as línguas nunca é ou passa incólume.

#### 4 Contexto metodológico

Os aspectos metodológicos que envolvem este trabalho, que consiste em uma análise linguística antropológica do imigrante africano no Brasil, voltam-se para um estudo de caso, composto de recortes retirados de vídeo do Youtube, no qual são observadas situações de interação pela linguagem.

O *corpus* foi constituído por enunciados de imigrantes exibidos no documentário ‘Reduto de imigrantes africanos, República se consolida como “Pequena África” em São Paulo’, do canal Carta Capital, disponível no site Youtube, no endereço [https://www.youtube.com/watch?v=psH-C9\\_9DIE](https://www.youtube.com/watch?v=psH-C9_9DIE) e capturado em 17 de março de 2021. Nele o jornalista Guilherme Soares Dias, autor do blog Guia Negro, conversa com alguns imigrantes africanos que vivem e frequentam a região da República, bairro no centro de São Paulo, adotado por eles como seu reduto na cidade.

A seleção do *corpus* respeitou a presença de discurso espontâneo de imigrantes africanos em situações interativas. O tempo da imigração não foi considerado. Para a transcrição e análise dos fenômenos linguísticos<sup>7</sup> utilizamos a proposta de Flores (2006) de uma transcrição como modalidade de enunciação acrescidas das observações de Surreaux e Santos

7 Flores (2019, p.263) esclarece que “uma antropologia da enunciação não estuda dados, mas fenômenos e, em especial, o que o falante diz de sua relação com esses fenômenos.”

(2013): em uma transcrição de base enunciativa utiliza-se a escrita ortográfica convencional (mas não se exclui símbolos da IPA quando for necessário); procura-se abranger os diversos níveis de análise linguística; descreve-se a situação contextual, as falas, os gestos, olhares, entonação; destaca-se o ato enunciativo; registra-se falas em relação, destacando os efeitos da relação eu-tu.

## 5 Análise dos fenômenos linguísticos

### Quadro 1 – Sujeito entre-lugares

<b>Cena Enunciativa 1</b> – Lugar de pertencimento <b>Participante 1:</b> Opoku Charles Adu, comerciante <b>Nacionalidade:</b> Gana	
<b>PARTICIPANTE 1</b>	<b>DESCRIÇÃO DA CENA</b>
Sê tchu casa. Aqui você sabe. Aqui pública tem muito África. Tem Sinegal, tem Angula.	Em pé, junto a um colega e no meio do comércio de rua, Opoku Adu comenta as nacionalidades dos imigrantes africanos no Brasil.

Fonte: os autores

Seguindo o que propõe Flores (2019), uma análise da língua pelo viés antropológico da enunciação se ocupa do que expõe o falante sobre a diversidade das línguas. Provoca reflexões sobre o efeito da enunciação no falante. Os fenômenos linguísticos fonológicos, morfológicos e sintáticos, comumente, revelam a sobreposição de idiomas presente no enunciado dos imigrantes, mas, indo além, dizem na fala sobre aquele que fala.

Na cena enunciativa 1, percebemos na enunciação do imigrante ganês a busca por um lugar de pertencimento e identificação na e pela linguagem, colocando-se em uma suposta “zona de conforto” compartilhada com outros imigrante africanos: “Tem Sinegal, tem Angula”.

Tratando a nova sociedade como casa (“sê tchu casa”), o imigrante retoma significantes que o levam a um lugar de pertencimento. Certamente, o significado da palavra “casa” passa a ter um outro nível de entendimento. Em nossa percepção, essa “casa” para o imigrante é, para sempre, um entre-meio, uma constante dúvida, e uma intensa busca por uma completude, na tentativa de encontrar-se enquanto sujeito nesse entre-lugares, entre-países, entre-línguas e entre-culturas.

(...) Para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanação irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supraindividual e coextensiva à toda a coletividade. (BENVENISTE, 2006, p. 101)

Benveniste esclarece que os aspectos da enunciação partem sempre de uma relação entre sujeitos (eu e tu) que se determinam em uma relação de reciprocidade. O enunciado “aqui você sabe”, presente no discurso de Opoku Adu, parece querer compartilhar com o interlocutor o mesmo lugar linguístico, como se esse compartilhamento fosse possível. Parece querer contrariar o que diz Benveniste (2006) sobre a experiência do homem na língua: um ato único e individual de apropriação e utilização da língua. É um saber particular que apenas o falante

experimental, mesmo que compartilhe da mesma condição de imigrante, uma vez que o olhar que terá sobre a língua dependerá de suas vivências anteriores e de sua relação com o outro.

No trecho “Aqui pública tem muito África. Tem Sinegal, tem Angula”, Opoku Adu parece querer colocar o lugar, o bairro República situado no centro da cidade de São Paulo, e a sociedade local próximas ao lugar original do imigrante ganês. O discurso obedece, minimamente, ao sistema da língua portuguesa. Porém, a enunciação revela um estar aqui sem nunca ter partido de lá: há ausência de conectivos, confusões morfológicas e, principalmente, entoações que marcam o lugar entre-língua do imigrante.

Flores (2019) defende a voz como objeto de uma antropologia da enunciação, ao dizer: “A voz - entendida como única e singular – remete ao falante, ao *Homo loquens*, ao corpo, que, como se sabe, excede o limite da ciência.” (FLORES, 2019, p.255) E explica que “(...) a propriedade *loquens* define uma função (enunciativa) que caracteriza fundamentalmente o homem.” (FLORES, 2019, p.246).

O que dizer, então, do trecho a seguir, no qual a imigrante de Serra Leoa, há cinco anos no Brasil, apresenta entoações marcadas e signos de dois sistemas linguísticos diferentes em referência a um mesmo objeto?

#### Quadro 2 – O tempo cronológico não impede a emergência do sujeito

<b>Cena Enunciativa 2 – O tempo no Brasil</b>	
<b>Participante 2:</b> Angelica Kalon, cabelereira	
<b>Nacionalidade:</b> Serra Leoa	
<b>PARTICIPANTE 2</b>	<b>DESCRIÇÃO DA CENA</b>
Eu sou Sera Leoa. Janero, January, dia dois vais fazê-me cinco anos na Brasil.	Sentada na cadeira do salão de beleza, girando-a de um lado para o outro, Angelica Kalon responde à pergunta do entrevistador.

Fonte: Os autores

Saussure (2006) discutira no texto ‘Natureza do signo linguístico’ a arbitrariedade do signo, explicando que não há justificativa ou razão natural para um significante unir-se a um determinado significado. Desta forma, janeiro, janero, January são signos (ou variação do signo) que pertencem a sistemas distintos e que tratam do “mesmo objeto”. Chama-nos atenção, a ocorrência no terreno linguístico, de uma confusão entre o lugar que habita e as lembranças do lugar de outrora, percebida na troca de signos linguísticos no discurso que a falante comete e não percebe: janero/January. Tornando o “mesmo objeto” um objeto único, singular. Lima e Barros (2017) afirmam que os traços linguísticos formam a identidade e apontam para as marcas do sujeito na língua, fazendo referência a si e ao seu povo.

O retorno ao lugar de origem é retomado no discurso da imigrante no trecho “eu sou Sera Leoa”. Ao se enunciar usando signos linguísticos do novo sistema que já lhe é familiar, a imigrante, confunde-se com sua origem: eu não sou Angelica, eu sou o meu lugar, Serra Leoa. A ausência da preposição “de” no enunciado da imigrante provoca a enunciação do sujeito ligada ao pertencimento à terra natal.

Para Uyneo e Cavallari (2011), a identidade é sempre imaginária, uma vez que põe em funcionamento as imagens que o sujeito faz de si mesmo, a partir de imagens lançadas pelo olhar do “outro” e que permitem a ele se reconhecer enquanto tal. Angelica se coloca na condição de ser imigrante, a partir, talvez, do olhar do outro que lhe é dirigido. Em Serra Leoa ela confunde-se com as formas e as línguas do lugar. No Brasil, ou em qualquer outro país, o imigrante se destaca e lhe é imposto o lugar de estrangeiro, estranho à língua.



De acordo com Hall (2000), as identidades são construídas por meio da diferença, por meio da relação com o “outro”, e da relação com aquilo que não se é, ou aquilo que falta. O termo “identidade” é utilizado, para o autor, para significar o ponto de encontro entre: os discursos e as práticas que tentam nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares; e os processos que produzem subjetividade que nos constroem como sujeitos ouvintes e falantes.

Segundo Uyneo e Cavallari (2011), as representações identitárias possibilitam ao sujeito reconhecer-se através do que é discursivamente construído como contorno para o “si mesmo”. Em “janero, january” percebemos a construção de um sintagma formado por um *code-switching*, com paradigmas que se alternam entre a língua portuguesa e a língua inglesa na busca de uma identificação e socialização com o brasileiro. O trecho “vais fazê-me cinco anos na Brasil” também se configura como marca de um sujeito entre-línguas. Verificamos um enunciado próximo ao sistema da língua portuguesa falada em Portugal, em um retorno do sujeito ao lugar de origem: Serra Leoa foi ex-colônia portuguesa (séc.XV - séc.XVII) e ex-colônia inglesa (séc.XVI – séc.XX).

Coelho (2019, p.40), tratando da aquisição da língua estrangeira, comenta que a impossibilidade de esquecimento da língua de origem “remete aos afetos e efeitos que marcam o sujeito da linguagem”. A autora comenta que as experiências vividas revelam as singularidades dos sujeitos constituídos na linguagem e as possíveis marcas da língua de origem na outra língua.

No terceiro exemplo, a seguir, a imigrante de Camarões mostra-se submetida ao sistema da língua portuguesa, apesar das alterações fonológicas que apresenta no trecho: “Mas infelzimentchi nossos bens, **son** recolhidos para **otras** pessoas eee...”. A enunciação percebida pelo viés antropológico do homem na língua, ocorre em um saber sobre o efeito do sujeito entre-línguas e sua capacidade de se enunciar no entre-lugares.

### Quadro 3 – Lembranças

Cena Enunciativa 3 – A África	
Participante 2: Melanito Biyouha, cozinheira	
Nacionalidade: Camarões	
PARTICIPANTE 3	DESCRIÇÃO DA CENA
Bom, primeiro eeeeh... o africano é refugiado porque ele tá correndo atrás do que foi... eeeeh...atrás do que pertence a ele. A África não é um contchinentchi miserável. A África não é um contchinentchi pobre. Eu diria que é um dos contchinen, é O contchinentchi o mais rico que existe na face da terra. Mas infelzimentchi nossos bens, son recolhidos para otras pessoas eee...depois a gentchi corre atrás de quem pegou as coisas de nós.	No salão do seu restaurante, sentada na cadeira com as mãos unidas sobre a mesa, a entrevistada comenta sobre seu continente natal. Evita olhar para a câmera. A cabeça gira para um lado ou para o outro, olha para cima e para os lados, olha para o entrevistador.

Fonte: os autores

Benveniste comenta sobre a enunciação percebida no som da língua:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem

sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 2006, p.82)

Na enunciação entre-líguas os traços linguísticos da primeira língua, incluindo o nível fonológico, não são apagados, mas os traços da outra língua sobrepõem-se produzindo marcas e modificando o sujeito. Por essa perspectiva, o discurso do imigrante torna-se intrinsecamente heterogêneo, marcado pela multiplicidade e alteridade. Ele sente-se em meio a incompletude e o desejo de ser completo, passando a viver em busca de ser a fonte entre o si mesmo e o “outro” que o constitui. Conforme Robin (1993, 1999), a língua não é reprodução, nem pura descoberta de alhures, é sempre um jogo de similitudes e de afastamentos.

A busca das identificações do sujeito entre-líguas, que vive no país estrangeiro, e que convive com o bilinguismo é marcada por deslocamentos, estranhamentos e ainda encontros, reencontros ou desencontros nas líguas. Por esse viés, o sujeito que fala do lugar do sujeito-entre-líguas é um sujeito que fala e que falta. “Consideramos, via estudos de Robin (1999), Coracini (2007, 2014) e Eckert-Hoff (2010), que o lugar entre-líguas, ocupado pelos sujeitos em estudo, é um lugar de conflito, que significa entre-culturas, entre-outros, entre o um e o Outro” (ECKERT-HOFF, 2016, p.6).

A relação dos sujeitos-enunciadores com as líguas e suas incidências na subjetividade não é neutra, deixa vestígios e rastros de suas andanças. Compreendemos que o homem aprende a moldar-se de acordo com as suas necessidades comunicacionais e linguísticas, a partir daquilo com que se identifica e deseja se aproximar, encontrando-se, assim, inserido em sua comunidade, e na sociedade que habita.

Segundo Uyeno e Cavallari (2011), as identificações mostram-se necessárias para construir “pertencas”, servindo, assim, para situar o sujeito no mundo e nas relações sociais. “As identificações são os mecanismos pelos quais são construídas as identidades que, fragmentadas, estão em constante movimento” (HALL, 2000, p.62). Já dissolvidas em traços que se encontram impressos no sujeito, as identificações, pelo fato de serem múltiplas e transitórias, ao mesmo tempo em que determinam o lugar discursivo do sujeito enunciator, também (des)estabilizam sua identidade. “Portanto, podemos dizer que as identificações desestabilizam o sujeito ao invés de estabilizá-lo: são a sedimentação de “nós” e dos “nós” na constituição de qualquer Eu” (UYENO, CAVALLARI, 2011, p.131).

#### 4 Considerações finais

No contexto imigratório, o homem enfrenta conflitos na busca de sua identificação e constituição enquanto sujeito em contato com o “outro”, no novo território que habita. A relação que cada imigrante africano estabelece com a língua estrangeira é singular para cada falante, podendo a língua estar mais próxima ou mais distante dele.

Na imbricação língua/homem/cultura/sociedade, evidenciamos como dados preliminares os conflitos vividos pelo imigrante africano para encontrar-se enquanto sujeito, efeito da linguagem em uma realidade linguística e sociocultural diferente do seu lugar de origem, mas que agora é o seu lugar de vivência.

De acordo com Benveniste (2005), única é a condição do homem na linguagem. A língua funda o sujeito que nela se inscreve, faz morada e se constitui. Entendemos que, em uma macrodimensão, a intersubjetividade humana verificada no plano das relações entre o eu e o tu, pode ser ampliada para o âmbito social fazendo parte do princípio da Teoria Social da Enunciação, quando colocamos em questão o efeito do estar entre-líguas.

O sujeito africano que vive o fenômeno entre-línguas em contexto de imigração se depara com um constante teste de habilidade para produzir na sua fala, uma dupla designação de si mesmo a partir de sua pátria e a partir do lugar estrangeiro.

Os fenômenos linguísticos vividos pelo imigrante africano, que habita dois ou mais sistemas linguísticos, possibilita ao outro (interlocutor nativo) reconhecer o imigrante africano como o estrangeiro, o que para nós seria aquele que se constitui entre-línguas, entre-meios, entre-culturas, entre-nações.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19. Trad. C. M. Cruz e J. W. Geraldo. Campinas: IEL/UNICAMP, p. 25-42, 1990.
- BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5a edição. Campinas: Editora Pontes, 2005. 387p.
- BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. 2a edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. 294 p.
- BRAZÃO, M. L. **Os rastros da língua materna**. 78f. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- CELADA, M. T. Linguagem/sujeito: forçando a barra em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (org). **Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade**. São Paulo: Humanitas, 2013.
- COELHO, E. C. **A difícil relação com a língua estrangeira: um estudo de caso**. 174f. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.
- CORACINI, M. J. **A celebração do outro arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- CORACINI, M. J. Identidade e (língua) cultura no livro didático de Francês, língua estrangeira. In: PINTO, M. L. & al. (orgs) **Ensino de linguagens: diferentes perspectivas**. Curitiba: Appris, p.11-34, 2014.
- DEISSLER, L. G. V. **Multilinguismo e síndrome do X-Frágil: relação de identificação na/pela língua**. 57f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.
- DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'inventions du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.
- ECKERT-HOFF, B. M. (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. In: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF, B. M (orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- ECKERT-HOFF, B. Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração: incidências na subjetividade. **Letras e Letras**. Uberlândia. Vol.32/3 - Especial, dez. 2016.
- FLORES, V.N. Entre o *dizer* e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação. **Organom**. Porto Alegre. n. 40/41. p.61-75, 2006.
- FLORES, V.N. Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? Exterioridade e Interioridade teórica no campo da linguística da enunciação. In: Matzenauer, C.L.B. et al (org.) **Estudos da linguagem VII Círculo de estudos linguísticos do Sul**. Pelotas: EDUCAT, p.200-220, 2008.
- FLORES, V.N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 397p.
- FREUD, S. **O Estranho**. Obras completas de Freud em Cd-rom, 1919.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, D.S; BARROS, I.B.R. O homem na língua: o dialeto como índice de subjetividade e identidade cultural. **Revista Desenredo**. Passo Fundo. v. 13, n. 1. p. 19-37, 2017.
- MORAES, M.R.S. **Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua**. 1999. 137p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271090>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. p.213-230
- ROBIN, R. **L'immense fatigue des pierres: biofictions**. Montréal: XYZ, 1999.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. 279p.
- SILVA, S.; MALCORRA, B. Sociedade, sociedade: epistemologia para estabelecer princípios de uma teoria social da enunciação. **Revista (Con)textos linguísticos**. Ed. v.10. n.17, 2016.
- SURREAUX, L.M; SANTOS, R.O. Transcrição de base enunciativa em distúrbios afásicos: aspectos prosódicos e gestuais. **Revista Prolíngua**, João Pessoa, v. 8, n.2, p. 214-223, 2013.
- UYENO, E.; CAVALLARI, J. **Bilinguismos: Subjetivação e Identificações nas/pelas Línguas maternas e estrangeiras**. Coleção: Novas perspectivas em linguística aplicada vol.9. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011. 354 p.

Submetido em 28/03/2021

Aceito em 16/10/2021